

Inês Botelho

O PASSADO QUE SEREMOS

Estava quase sozinho. O tecto baixo espelhava-me um indelével reflexo da água índigo da piscina. O meu pé direito surgia misturado no ar de tons pastel. Via-o apoiado no estofado branco da espreguiçadeira e amorenado por uns primeiros dias de praia, sentia-lhe os ossos salientes, uma veia inchada, concentrava-me nas unhas – lisas, ténue forma rectangular –, aborrecido, rodava a cabeça para a direita. Os olhos sonolentos percebiam uma rapariga a nadar com calma, movimentos precisos, rigorosos, traçados no instante em que o impulso entrava em declínio. O cabelo castanho era liso, demasiado longo, excessivamente simétrico. Se eu tivesse adivinhado...

Tamborilei com os dedos na barriga nua e acomodei a cabeça para conseguir fitar de novo o tecto. Tinha mais sombras do que da última vez. Pelo ambiente azulado e pacífico começava a infiltrar-se um tom de incêndio, a noite, contudo, ainda tardaria. Soltei um suspiro silencioso. O tempo arrastava-se numa lentidão tortuosa e eu queria queimar os minutos depressa, subir ao quarto, correr o chuveiro pelo corpo, vestir roupa lavada e descer para jantar. Levar o dia até ao término, começar outro e acabá-lo também, para que o fim-de-semana fugisse do calendário e me deixasse livre na minha cidade, rodeado de amigos, festas e diversão.

A rapariga ergueu-se da piscina, caminhou segura até uma cadeira torcendo o cabelo, e agarrou na toalha de praia que aí largara. Desinteressado, olhei-a enquanto limpava o rosto e o corpo. Fato-de-banho de desporto vermelho – funcional e enfadonho –, chinelos pretos de plástico – simples. Calçou-se, envolveu-se na toalha e encaminhou-se para a saída. Cruzámos o olhar. Não a fixei. Durante um segundo, um breve instante de sobressalto, julguei que me observava.

Quando o grupo não me rodeia, ou a euforia amaina, ou as conversas esmorecem, quando a situação pouco me cativa e o ambiente foge aos que aprecio, quando o silêncio me comprime, tendo a reparar em pormenores desinteressantes. Os relógios saltam para uma dimensão alternativa, os ponteiros rodam num torpor afogado, as órbitas ficam-me húmidas e dormentes. Vejo o que é minúsculo, insignificante, esqueço-o e recordo-o, vai e vem, gira até o sono me agarrar o estômago e o princípio do enjoo me forçar à acção.

Naquela noite jantara bem. Assaltara várias vezes o *buffet*, atafulhara sempre o prato, carregara especialmente nas sobremesas. Exagerara. Criara as condições ideais para remexer o descafeinado sem vontade, olhando para a trama coçada de uma toalha de que esqueci a cor. Sabia que as mesas estavam vazias, que uma miúda ensaiava umas distintas trombinhas para que os pais a autorizassem a ir brincar, que a minha mãe discutia com os outros médicos a iminente falha do Serviço Nacional de Saúde, que os argumentos constavam da lista habitual, que a rapariga da piscina me apresentava o perfil e encarava o actual interlocutor. Sem pressa, gozando o movimento lento, dei mais uma volta ao descafeinado – círculos imperfeitos de castanho-escuro líquido a assomarem por entre um mosto pastoso castanho-canela –, deslizei a colher pela borda da

chávena, esperei que a última gota caísse, pousei a colher no pires. A toalha, que talvez fosse azul, ou verde, ou amarela, não me lembro, acumulara montículos de migalhas e dobras viciadas pela forma dos pratos. Uma carcaça de pão estava ainda perto da criança e ela esfarelava-lhe o miolo, carrancuda e brusca. Bebi um gole largo de descafeinado, murmurei um pedido de licença e abandonei a mesa.

Sempre me sentira na obrigação de acompanhar a minha mãe a jantares e congressos resultantes dos convites insistentes dos delegados de informação médica. Uma atitude ilógica. Ela não precisava de cavaleiros andantes – é de uma independência e autonomia ferozes –, eu ficava deslocado, sem conhecer os códigos, incapaz de me integrar nos temas. O congresso de fim-de-semana no Caramulo não estava a ser diferente.

Com as mãos enterradas nos bolsos das calças de sarja saí da cave e subi ao andar térreo. Detive-me perto do bar ponderando a hipótese de pedir um fino, mas desisti e continuei até à comprida varanda da sala de estar.

Uma escuridão azulada repousava sobre as montanhas, límpida e imperturbada por luzes citadinas. Apenas na piscina exterior tremeluziam umas lâmpadas embutidas no rebordo, suficientemente fortes para deixarem entrever as espreguiçadeiras de plástico e os guarda-sóis de lona branca fechados. Creio que se viam estrelas; sei que a lua brilhava, redonda e cheia.

Senti os passos ainda antes de soarem. Indiscreto, com uma curiosidade instintiva, voltei-me para ver a quem pertenciam e a rapariga entrou na noite, perseguindo-me, ignorando-me, cabelos compridos a turvarem-lhe a face. Apoiou as mãos no varandim, o olhar discreto cortou caminho por entre madeixas e os lábios murmuraram boa noite. Retribuí o cumprimento ainda de mãos nos bolsos. O silêncio reclamou a vez num pingue-pongue teatral. Vi-a observar a lua, depois o horizonte escurecido. Por educação, por necessidade, por premonição quem sabe, falei.

– Está a gostar do fim-de-semana?

Olhou-me surpreendida, a boca entreaberta e hesitante. Reparei nas sabrinhas pretas de lacinho, no vestido brilhante de croché verde-garrafa com decote em barco e mangas cavadas. Mais uma menina do que uma mulher.

– Sim. Suponho que sim. Acabámos de chegar.

– Pois. Claro. – Mirava-me agora com desconfiança polida e um pequeno desafio no arco das sobrancelhas. Continuei uma conversa irracional. – É médica?

– Não – os lábios agitaram-se num trejeito divertido. – O meu pai é.

Ri um suspiro de alívio, virando a cabeça para a esquerda e para trás, descontraindo os braços e retirando as mãos dos bolsos para me acercar do varandim.

– A situação é a mesma. A minha mãe é médica. Eu nem sequer sou de ciências; estou em direito. Tu?

– Em letras.

– Ah! – não sei porque me escapou aquele tom de entusiasmo alegre, de fraternidade inexistente. – Em Lisboa?

– No Porto.

– Também eu – sempre o maldito embalo exaltado, uma corrida alucinante para um precipício desconhecido. Confiante, estendi a mão. – Alexandre. – O olhar abriu-se-lhe, talvez um pouco admirado, adoçou-se a seguir, porventura contente, os lábios fecharam-se, capturando um possível riso. – É um bom nome?

Sondei-lhe o rosto à procura de uma expressão conhecida, de algo a que me pudesse agarrar e que me sustivesse. Na busca descobri-lhe o olhar baixo, pensativo, receoso sem que então de tal me apercebesse. Pensei abraçar aquele olhar, levantá-lo pelo queixo até ao meu, mas perdi a oportunidade. Célere, alçou-se sozinho e decidido.

– Sim. – Uma pequena pausa, para reforçar. Continuou. – Elisa. – E segurou-me a mão já esquecida que começava a pender para o bolso das calças.

Conversámos. Falámos do que não é importante, de pequenos assuntos em que se vislumbram personalidades, da faculdade e do dia-a-dia. Não se riu das minhas piadas fáceis, não foi condescendente, mas sorriu, e vi-lhe a pele iluminada, e as sobrancelhas pacificadas, e o cabelo pesado a escapar das costas para os ombros, a escorregar dos ombros para o peito. Disse-te dorme bem.